ENTREVISTA COM CARLOS BENEDITO: A TRAJETÓRIA AFRO-CENTRADA DE UM ATIVISTA E INTELECTUAL NEGRO

INTERVIEW WITH CARLOS BENEDITO: THE AFRO-CENTRAL TRAJECTORY OF A BLACK ACTIVIST AND INTELLECTUAL

ENTREVISTA CON CARLOS BENEDITO: LA TRAYECTORIA AFROCENTRAL DE UN ACTIVISTA E INTELECTUAL NEGRO

ENTRETIEN AVEC CARLOS BENEDITO: LA TRAJECTOIRE AFRO-CENTRALE D'UN MILITANT ET INTELLECTUEL NOIR

Samara do Nascimento Souza
Mestra em Geografia, Programa de Pós-graduação em Geografia (PPGEO); Universidade Federal do Maranhão, Maranhão, Brasil.
samaracazemiro999@gmail.com
https://orcid.org/0000-0003-0060-3808

Laryssa Costa Silva
Mestra em Desenvolvimento Socioeconômico, Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Socioeconômico (PPGDSE), Universidade Federal do Maranhão, Maranhão, Brasil.
laryssa1costa@gmail.com
https://orcid.org/0000-0003-3287-2420

Carlos Benedito Rodrigues da Silva
Doutorado em Ciências Sociais-Antropologia, Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais (PPGSC), Pontífica Universidade Católica de São Paulo, Universidade da última titulação; Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Maranhão, Brasil.
cbrodriguesilva@gmail.com
https://orcid.org/0000-0002-2522-9114

Recebido em: 01/11/2025
Aceito para publicação: 10/11/2025

Resumo

A realização desta entrevista apresenta a trajetória e vida do professor, intelectual, ativista, produtor de cultura, pai, esposo, amigo e filho, Carlos Benedito da Silva Rodrigues, também conhecido como professor Carlão ou Carlos Rastafari. Inicialmente, o que conduziu a realização deste trabalho era o objetivo de compreender as dinâmicas do Movimento Negro no Brasil, a partir da descentralização estendida para outros estados, como o Maranhão. No transcurso deste objetivo realizamos uma entrevista com uma referência do Movimento Negro na cidade de São Luís, o professor Carlos Benedito. Ao longo da entrevista, a junção cronológica dos acontecimentos a partir do movimento social atravessam a trajetória de vida do intelectual negro em construção. A estrutura da entrevista é dividida em três momentos, destacando inicialmente, a árdua trajetória de estudante e trabalhador, a qual resultaria nos caminhos a serem trilhados na docência. No segundo momento, sobressaem suas participações enquanto militante na efervescência do Movimento Negro na década de 1970,

perpassando os clubes negros coletivos e enfatizando a questão racial. E por fim, até a chegada e inserção a cidade de São Luís- MA, onde consolidou a docência, na Universidade Federal do Maranhão, sendo professor no Departamento de Sociologia e Antropologia e na Licenciatura de Estudos Africanos e Afro-brasileiros, além de contribuir e constituir-se referência nos temas sobre reggae, cultura afro-maranhense e ações afirmativas.
Palavras-chave: Movimento Negro; Entrevista, Reggae, São Luís, Cultural.

Abstract

This interview presents the trajectory and life of the professor, intellectual, activist, cultural producer, father, husband, friend, and son, Carlos Benedito da Silva Rodrigues, also known as Professor Carlão or Carlos Rastafari. Initially, the driving force behind this work was the objective of understanding the dynamics of the Black Movement in Brazil, from its decentralization to other states, such as Maranhão. In pursuit of this objective, we conducted an interview with a leading figure in the Black Movement in the city of São Luís, Professor Carlos Benedito. Throughout the interview, the chronological sequence of events within the social movement intersects with the life trajectory of this developing Black intellectual. The interview is structured in three parts, initially highlighting his arduous journey as a student and worker, which would lead to his teaching career. The second part emphasizes his participation as an activist in the vibrant Black Movement of the 1970s, encompassing Black collective clubs and emphasizing the issue of race. And finally, upon arriving and settling in the city of São Luís, Maranhão, he consolidated his teaching career at the Federal University of Maranhão, serving as a professor in the Department of Sociology and Anthropology and in the Bachelor's Degree in African and Afro-Brazilian Studies, in addition to contributing to and becoming a reference in the areas of reggae, Afro-Maranhense culture, and affirmative action.
Keywords: Black Movement; Interview; Reggae; São Luís; Cultural.

Resumen

Esta entrevista presenta la trayectoria y vida del profesor Carlos Benedito da Silva Rodrigues, también conocido como Profesor Carlão o Carlos Rastafari, profesor, intelectual, activista, productor cultural, padre, esposo, amigo e hijo. Inicialmente, el objetivo principal de este trabajo fue comprender la dinámica del Movimiento Negro en Brasil, desde su descentralización a otros estados, como Maranhão. Para lograr este objetivo, entrevistamos a una figura clave del Movimiento Negro en la ciudad de São Luís, el profesor Carlos Benedito. A lo largo de la entrevista, la cronología de los eventos dentro del movimiento social se entrelaza con la trayectoria vital de este intelectual negro en formación. La entrevista se estructura en tres partes: la primera destaca su arduo camino como estudiante y trabajador, que lo llevaría a su carrera docente; la segunda enfatiza su participación como activista en el vibrante Movimiento Negro de la década de 1970, incluyendo los clubes colectivos negros y haciendo hincapié en la cuestión racial. Finalmente, al llegar y establecerse en la ciudad de São Luís, Maranhão, consolidó su carrera docente en la Universidad Federal de Maranhão, desempeñándose como profesor en el Departamento de Sociología y Antropología y en la Licenciatura en Estudios Africanos y Afrobrasileños, además de contribuir y convertirse en un referente en las áreas de reggae, cultura afro-maranhense y acción afirmativa.
Palabras clave: Movimiento Negro; Entrevista; Reggae; San Luis; Cultural.

Résumé

Cette interview présente le parcours et la vie du professeur Carlos Benedito da Silva Rodrigues, également connu sous le nom de professeur Carlão ou Carlos Rastafari, professeur, intellectuel, militant, acteur culturel, père, époux, ami et fils. À l'origine, ce travail visait à comprendre la dynamique du Mouvement Noir au Brésil, de sa décentralisation à d'autres États, comme le Maranhão. Dans cette optique, nous avons mené un entretien avec une figure emblématique du Mouvement Noir à São Luís, le professeur Carlos Benedito. Tout au long de l'entretien, la chronologie des événements au sein du

mouvement social se mêle au parcours de vie de cet intellectuel noir en devenir. L'entretien est structuré en trois parties : la première retrace son parcours difficile d'étudiant et de travailleur, qui l'a conduit à sa carrière d'enseignant ; la deuxième met l'accent sur son engagement militant au sein du dynamique Mouvement Noir des années 1970, notamment dans les collectifs noirs, et sur la question raciale. Enfin, après son arrivée et son installation dans la ville de São Luís, dans l'État de Maranhão, il a consolidé sa carrière d'enseignant à l'Université fédérale de Maranhão, où il a été professeur au Département de sociologie et d'anthropologie et au programme de licence en études africaines et afro-brésiliennes, tout en contribuant et en devenant une référence dans les domaines du reggae, de la culture afro-maranhense et de l'action positive.
Mots-clés : Mouvement noir ; Entretien; Reggae; São Luis ; Culturel.

Carlos Benedito da Silva Rodrigues é professor titular do Departamento de Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Graduou-se em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas, em 1978, e concluiu o mestrado em Antropologia Social na mesma instituição, em 1992. Obteve o doutorado em Ciências Sociais, com área de concentração em Antropologia, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, em 2001. Na UFMA, leciona no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e no curso de Licenciatura em Estudos Africanos e Afro-Brasileiros, do qual foi um dos idealizadores. Desde 2015, coordena o Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB-UFMA). É filiado à Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (ABPN), onde atuou como vice-presidente nos períodos de 2002–2004 e 2008–2010. Também integrou a Comissão Assessora para os Afro-brasileiros do Ministério da Educação (CADARA), entre 2004 e 2009, e presidiu o Centro de Estudos do Caribe no Brasil, de 2010 a 2012. É membro da Associação Brasileira de Antropologia (ABA), da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) e do Comitê de Antropólogas Negras e Antropólogos Negros. Sua trajetória acadêmica concentra-se na Antropologia das populações afro-brasileiras, com especial interesse em diversidade cultural, relações étnico-raciais, movimento negro brasileiro, reggae, cultura afro-maranhense e políticas de ações afirmativas. Além disso, atua como compositor e cantor no Centro de Cultura Negra do Maranhão.

Entrevista

Samara Nascimento e Laryssa Costa: Professor Carlos, primeiramente bom dia. Nós estamos aqui hoje para conversar um pouco sobre o movimento negro e a atuação desse movimento no Maranhão. Então o senhor pode começar se apresentando e contando um pouco da sua trajetória como professor e pesquisador. Como essas trajetórias se juntam? Poderia descrever a rota pessoal que o levou a sua formação de antropólogo e pesquisador das questões étnico-raciais?

Carlos Benedito: Meu nome é Carlos Benedito Rodrigues da Silva, sou paulista, sou de Campinas, tenho 72 anos, sou antropólogo e professor do departamento de Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e também da Licenciatura em Estudos Africanos e Afro-brasileiros (um curso criado em 2015) e sou coordenador do NEAB Núcleo de Estudos Afro-brasileiros. E a nível dos movimentos sociais, minha atuação principal é no Centro de Cultura Negra, não faço parte da diretoria, mas faço parte do bloco afro Akomabu, onde desenvolvo minha atividade artística. E como a maioria das pessoas negras que vem da periferia, a gente vem de uma base familiar bastante pobre, os meus pais

semialfabetizados, não tinham formação, e só conheci a família do meu pai mais recentemente, porque meu pai veio de Minas Gerais e chegou em Campinas, conheceu minha mãe… minha mãe era viúva e tinha dois filhos. A minha mãe era de uma família de trabalhadores rurais do interior do estado de São Paulo e trabalhava como empregada doméstica em Campinas e eles se conheceram, casaram e desse casamento eu sou o filho mais velho, tiveram quatro filhos e somando com os dois que já tinha ficaram seis, formamos seis irmãos. E assim trabalhando, na minha época de estudo eu fiz o primário (na minha época era diferente, talvez o primário corresponde ao fundamental atual) e eu terminei esse curso eu tinha uns treze para quatorze anos e a já era um pouco tarde, porque como a gente mudava muito de uma cidade para outra demorei um pouco para terminar. Com quatorze anos comecei a trabalhar, fiz alguns cursos técnicos, mas a universidade era algo muito distante que não estava nos nossos planos de alcance, no máximo era o ensino da família, e algo para você estudar e ter uma profissão, coisa do tipo, que não passasse tanta dificuldade. Até os 20 anos eu não estudei regularmente e depois eu comecei a trabalhar na UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas. Comecei a trabalhar lá em 1976, mas como eu não tinha qualificação eu trabalhava como servente, serviços gerais, fazer limpeza, os trabalhos mais pesados mesmo de carregar equipamento, essas coisas. E aí eu fui fazer o curso supletivo e eu voltei a estudar. O curso supletivo na época chamava "madureza" porque eram cursos que você fazia alguns períodos, fazia uma prova e era separado por áreas de conhecimento: ciências humanas, ciências exatas e ciências biológicas, então, você ia eliminando e eu fiz isso em dois anos. Quando terminei eu prestei vestibular, mas a gente tinha na minha geração uma coisa de fazer o vestibular para aprender os macetes, pra ver como era a dificuldade e etc. Então, minha preparação seria para fazer o cursinho do vestibular na universidade. Só que eu fiz o vestibular e passei, para mim foi inesperado, minha companheira estava se formando em psicologia me ajudou bastante. E aí começou um drama para mim porque eu estava trabalhando na universidade e enquanto eu fazia esse supletivo (madureza), os diretores de onde eu trabalhava disseram que não dava pra eu estudar, porque a ideia era que você saísse da condição de trabalhador de serviço braçal para ser técnico administrativo que era o limite. Então, ele me estimulava para poder conseguir melhorar minha categoria profissional. Quando eu passei no vestibular ele disse que não poderia ficar mais ali e aí começou o drama, eu digo porque enfrentei muita dificuldade pra estudar e trabalhar. Dificuldades normais que a UNICAMP tinha o dia todo, os cursos eram manhã e tarde, então era pra quem não precisava trabalhar, era pra quem tinha condições e não precisava trabalhar pra sustentar família, etc. E quem trabalhava no serviço público tinha uma legislação que dava direito de reduzir as horas de trabalho e compensar depois em férias esses horários. Então, eu fiz a graduação de Ciências Sociais em quatro anos, na época eu tinha vinte e cinco anos. Nessa época era Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, era tudo misturado, Geografia, História, Sociologia, Filosofia, Antropologia, Ciência Política, mas eu me dediquei mais na Antropologia, um pouco estimulado por uma colega que trabalhava lá também e eu falava bastante com ela, não lembro se ela era da pós-graduação ou se já era professora. Mas eu me interessei mais pelas aulas de antropologia e terminei a graduação e comecei o mestrado no ano seguinte. A minha pesquisa do trabalho final da graduação era sobre o movimento Black Soul, era um movimento forte que aconteceu no Brasil nos 1970 principalmente no Sudeste, chegava em São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e também Porto Alegre, presentes nos bairros com músicas dos norte-americanos. Eu comecei a entrar no Movimento Negro também nesse período de 1970, porque Campinas é uma cidade de

população negra muito grande, formada pelos Barões do café, uma das mais importantes do Oeste paulista e por conta dessas fazendas, cafeicultores, lavouras, cana de açúcar ali na região, tinha uma população negra muito grande ali no interior do estado de São Paulo. E a gente enfrentava muito preconceito por ser uma cidade formada por uma elite latifundiária, a população negra era serviçal não tinha muito espaço e acabava se encontrando em determinados lugares da cidade, no final de semana ou final do trabalho, etc. E desses encontros vinham as programações de baile, de futebol, a festa de aniversário de alguém, sempre tinha essas festas e tinha equipe de som para promover as festas nesses bairros (se referindo ao Black Soul). E talvez não fosse caracterizado como um movimento sócio-político, mas era uma mobilização negra que fortalecia identidades, que era importante pra gente estar junto entre os iguais e enfrentar o racismo da cidade de forma coletiva, e assim denunciá-lo.

Laryssa Costa: Como o senhor se refere ao movimento Black Soul?

Carlos Benedito: Então, desse movimento Black Soul que nasceu a banda Black Rio, desse movimento que aparece o Jorge Ben Jor, Sandra Sá, Tim Maia, alguns cantores negros que já não estão em evidência, conhecidos talvez muito mais em São Paulo, como Carlos Dafé. Era um movimento cultural muito forte influenciado pela música afro-americana que chegava para a gente naquele período, e também naquele período dos anos 70 as informações sobre a luta pelos direitos civis dos negros dos norte-americanos, as lutas pela independência dos países africanos de língua portuguesa em relação a Cabo Verde, Guiné Bissau, São Tomé e Príncipe.

Samara Nascimento: Qual era o meio de comunicação utilizado para saber dessas informações?

Carlos Benedito: Por meio de publicações de revistas como: "O Cruzeiro", "Manchete", essas revistas antigas chegavam com essas informações. Eu me lembro muito bem, eu tinha um irmão que era mais velho e ele colecionava essas revistas, então era de lá que eu tinha acesso às poucas coisas que eram traduzidas. Mas essas informações também foram importantes por que mobilizou grupos de jovens negros no Brasil. E depois a gente descobriu que tinha histórias antes, como a Frente Negra, Imprensa Negra, Clubes Negros (final do século dezenove), bandas musicais, associações e irmandades religiosas negras, foram importantes também nesse processo de sociabilidade para suportar as angústias do racismo e da escravidão. E na criação da UNICAMP começaram a chegar em Campinas estudantes de outras regiões, que eram da universidade pública, por outro lado, a população da cidade estava mais na PUC que era a universidade privada, quem tinha condições fazia cursos lá, trabalhavam e estudavam à noite. E com essa coisa da chegada dos estudantes construíram muitas moradias estudantis, chamadas "Repúblicas", então estudantes de outras cidades vinham, reuniam-se e moravam ali. Nessas repúblicas geralmente tinham festas, final de semana, final de mês e como eu trabalhava na universidade eu ficava amigo dessas pessoas e frequentava lá com outros amigos negros. Mas a gente sempre ficava muito isolado nessas festas e aí um desses amigos começava a falar da situação da nossa gente, íamos para as festas, participava da parte musical, mas não tinha interação para conversar sobre nossa situação.

Então, começamos a organizar grupos de discussão sobre questão racial, nessa época ainda estava fazendo o supletivo "Revolução", era o nome do curso, tinha muitos negros que estudavam nesse curso, daí a gente começou a se reunir e isso foi crescendo e nosso grupo expandiu para outras pessoas, dentro do curso se criou um grupo de teatro, musical e outras coisas que estavam acontecendo no interior começou a se articular. Então, o Movimento Negro se revitalizou no Brasil, principalmente, no Sudeste nos anos 1970 por essas influências, tanto questões internas do racismo como as informações que estavam chegando que eram formas da gente se inspirar talvez nos norte-americanos. Isso talvez fosse possível no Sudeste, mas para outras regiões nem tanto, mas eram referências de positividade, de autoestima, de beleza negra, do poder negro, as influencias dos Panteras Negras, isso foi canalizando para as organizações. A Frente Negra Brasileira havia sido destituída em 1937, então os integrantes da Frente Negra começavam a organizar outros grupos, com a ditadura esses grupos negros eram muito vigiados pela polícia investigativa da ditadura. Então, os grupos negros que foram criados sempre tinham nome de "Associação Cultural", "Centro de Cultura Negra", por exemplo, usando a palavra cultura como forma de dissimular a organização política e vários grupos surgiram nesse período e disso começam as discussões sobre a necessidade de se criar uma organização nacional de luta contra o racismo, porque a gente tinha a ideia que nos Estados Unidos havia uma luta coletiva e sólida contra o racismo, depois a gente descobriu que tinham várias organizações conflituosas entre elas, porque os próprios líderes foram mortos dentro dos próprios grupos militantes. Mas a inspiração era também dos Panteras Negras que era um grupo que propunha a luta armada contra o racismo, foi um grupo muito importante de reação ao racismo que inspirou a organização do Movimento Negro no Brasil, então eu comecei a participar nesse período, depois eu entrei na universidade e estudei o Movimento Negro e Black Soul que me chamava atenção porque era um grupo de festas, mas depois a gente foi entender que eram festas promovidas com a música negra que traziam sempre mensagens com frases sobre o fortalecimento da identidade, consciência negra e beleza negra. Então, minha atuação no Movimento Negro começa nesse período e alguns fatos foram importantes como a criação de uma das organizações que talvez se tornou umas principais do Movimento Negro no Brasil que foi o Movimento Negro Unificado porque tinha essa discussão de perspectiva de uma única organização. E aconteceram alguns fatos, tinha um trabalhador negro que era feirante e foi acusado de roubo dentro da própria feira em que trabalhava e ele foi preso pela polícia e torturado, então teve uma grande mobilização em São Paulo. Teve outro fato, que eram os garotos que jogavam basquete no time Tietê, que era um time da elite paulistana, eles eram aceitos como jogadores, mas quando teve a festa social do clube eles foram proibidos de entrar e a família reagiu. Então teve uma grande manifestação nesse período lá em São Paulo, nas escadarias do teatro municipal que era um dos pontos que a juventude negra se encontrava frequentemente, isso acontecia em várias cidades e ali nesse ato público com grandes lideranças como Abdias Nascimento, Lélia Gonzalez, Clóvis Moura e outras pessoas não tão conhecidas se deu a criação do Movimento Negro Unificado contra a discriminação racial. O movimento expandiu para várias regiões do Brasil, não nos moldes da Frente Negra Brasileira, mas também com uma projeção muito grande. E eu fiz parte desse processo do Movimento Negro, por volta de 1978, e com o Movimento Negro Unificado se começa essa ideia do vinte de novembro, porque a ideia do vinte de novembro para população negra começa a ser discutida em 1971 em Porto Alegre por um grupo chamado "Palmares" coordenado por um escritor, Oliveira Silveira. E aí começa o questionamento também de

reconhecer a problemática do treze de maio, destacando a assinatura da Lei Áurea, mas não como uma data importante para pensar a liberdade, já que a população negra continua na mesma situação. Bem, eu posso estar misturando as coisas, mas não dá para separar a minha trajetória social da relação acadêmica e do movimento social.

Samara Nascimento: Na sua fala você toca em vários eixos como o MNU e a gente percebe em algumas leituras a estrutura organizacional do Movimento Negro, que houveram muitos eventos e mudanças ocorrendo ao longo do tempo. Segundo Lélia Gonzalez (2020) havia uma estrutura dividida em comissões regionais, municipais e estaduais. Então, nesse sentido, como você analisa a diferença do Movimento Negro da década de 1970 e dos dias atuais, na contemporaneidade, essa estrutura organizacional permanece ou acontece de forma descentralizada?

Carlos Benedito: Descentralizou, mas algumas organizações permanecem, o Movimento Negro Unificado expandiu pra outras regiões e ele nasce incialmente com uma proposta de organização urbana, mas depois principalmente no Nordeste começa a se relacionar com a questão rural e emerge as lutas quilombolas como forma de resistência pela manutenção coletiva da terra. O movimento Hip-Hop talvez seja algo mais recente, traz também as denúncias sobre a realidade da periferia de forma contundente. Algumas lideranças do Movimento Negro começam a ter acesso à universidade e isso foi muito importante no sentido de ter uma formação qualificada de quadro político, e também possibilitar um diálogo qualificado com o Estado porque até então isso era muito separado. Então, grupos do Movimento Negro a partir dos anos 1970 começam a iniciar debates nas universidades que até então com a Frente Negra Brasileira, até nos anos de 1950, se falava em preconceito de cor, discriminação racial, não se usava a palavra negro para se referir a população negra, e com o Movimento Negro nos anos 1970 essas palavras começam a ser positivadas e se falar mais expressamente do racismo, da violência policial, do desemprego, das desigualdades no mercado de trabalho. Então o Movimento Negro começa a direcionar para proposições, em 1978 teve um trabalho muito interessante do sociólogo Carlos Hasenbalg e Nelson do Valle Silva, que era pesquisador do IBGE, traz dados de pesquisa que descreve discriminação e desigualdade racial no Brasil. Então eles trazem dados das desigualdades na educação, no mercado de trabalho e na diferenciação entre famílias negras. E esse trabalho foi extremamente importante para alavancar um debate mais qualificado do Movimento Negro com o Estado, cobrando políticas públicas, etc. Desde 1982, por exemplo, Abdias Nascimento, cobrava políticas públicas, isso ao Estado, para acesso da população negra à educação, com uma forma também de qualificar para contribuir com a sociedade brasileira, com o mercado de trabalho. Então, esse período foi importante porque, claro que tinha umas diferenças regionalizadas, mas havia um diálogo mais estreito entre as organizações do Movimento Negro, havia meio que uma linha em comum em ação. Nos anos 80, nasce um evento chamado Encontros de Negros do Norte e do Nordeste, de 1980 até 1990, foram dez anos. A gente se reunia cada ano em uma capital do Nordeste e discutíamos questões comuns da educação, da saúde, da violência, etc. Nessa mobilização, também começa a organizar o Movimento de Mulheres Negras dentro do Movimento Negro porque havia os embates e as mulheres negras questionando sempre isso. Então, começa também elas a se organizar, a princípio dentro das próprias organizações e depois elas criam as organizações autônomas que foram bastante

importantes. E isso vai pluralizando, isso vai capilarizando as ações do Movimento Social Negro. Mas ainda não tinha essas questões que começam a aparecer agora, essa coisa de colorismo, essas coisas, essas fragmentações que estão sendo discutidas por outros grupos, talvez. Acho que a ação das mídias tem sido importante nesse sentido. Ao mesmo tempo que atinge um público mais amplo, também fragmenta mais as discussões, porque a questão fenotípica sempre foi primordial no debate acadêmico, porque a exclusão está pela cor da pele. E aí, o que eu falo é assim, a gente tem esse discurso da mestiçagem, mas mestiçagem é uma característica da história da humanidade. Os povos se dispersaram pelo mundo por grandes correntes migratórias, trocas genéticas, culturais, etc. Então, mestiçagem é algo comum. Mas no Brasil, no processo de colonização na América Latina a mestiçagem se torna um critério de hierarquização entre os povos. Então, se todos somos mestiços, mestiços de pele clara tem seus privilégios e mestiços de pele escura são excluídos e isso é um problema, eu penso, porque a gente acaba se fragmentando no processo. Eu ainda não entendi bem essa coisa do Colorismo, com as várias categorias sendo criadas. Outro dia eu estava ouvindo Suely Carneiro falando, uma das grandes lideranças do Movimento Social Negro e da intelectualidade brasileira negra, e ela falava "eu passei minha vida toda lutando pra ser negra e agora a gente tem essas coisas de afro-bege, colorismo" e pra mim é isso, a gente é até da mesma geração, mesma idade e mesma linha de pensamento.

Samara Nascimento: Como você avalia essa questão do colorismo?

Carlos Benedito: Eu acho que de alguma maneira fragmenta muitos grupos, porque parece assim, determinados grupos têm esses interesses, outros grupos têm esses outros interesses. Eu não sei ainda muito para onde que isso vai direcionar. Eu penso que isso pode dificultar mais você ter, por exemplo, políticas públicas, porque a gente sempre teve essa perspectiva, política de saúde para a população negra, por causa de tais e tais características que atingem mais a população negra. Então é preciso que o Estado destine recursos para essas políticas, políticas públicas para a educação, para o mercado de trabalho. Se você está fragmentado, eu penso, fica mais difícil decidir para quem se vai direcionar. Claro que você tem que pensar as questões de gênero, as questões trans, tem várias categorias que são importantes, que emergiram nessas últimas décadas como categorias identitárias, compostas por pessoas que reivindicam seus direitos, etc. Mas eu não sei, porque o Brasil tem uma característica das relações raciais, uma tipologia que é muito complexa. É uma complexidade maluca, porque houve certamente aquela coisa que o Gilberto Freire fala de uma formulação pejorativa, mas houve sim uma convivência entre brancos e negros no espaço da escravização, até porque eles (brancos) não teriam como sobreviver, enfim, economicamente seria complicado. Mas essa convivência, essa forma de relação colonialista, ela continua se reproduzindo no cotidiano. Então, eu penso de acordo com o Silvio Almeida que traz a discussão do racismo estrutural, etc. Ele realmente está aí orientando as relações sociorraciais brasileiras e a gente precisa saber como coletivamente é possível rompê-los. E fazer esse enfrentamento, produzir o antirracismo sem nos fragmentar mais. Enfim, ainda tem complicações, tem questões que a gente precisa avançar nesses casos.

Laryssa Costa: Na sua fala, você também introduz sobre a questão do eixo cultural. E alguns autores, como o Domingues (2007) ele fala que o movimento do Hip-Hop, por exemplo, é como

uma extensão do Movimento Negro. E nesse mesmo sentido, você estuda sobre o reggae aqui no Maranhão, aqui em São Luís. E em um momento você fala sobre o reggae como movimento sociopolítico e cultural no Maranhão. Como você caracteriza isso? Poderia explicar melhor o que isso significa?

Carlos Benedito: Então, como é que eu chego no reggae? Como eu vim da minha pesquisa sobre o movimento do Black Soul, que eu não concluí, porque eu terminei o mestrado, e os créditos do mestrado em 1981, e vim para cá, para São Luís, para fazer um processo seletivo, que na época era para substituir o professor que saiu para a pós-graduação. E na época as universidades tinham isso, saia alguém para a pós-graduação, abria concurso para contratar alguém por aquele período. Então eram oito meses que ele ia ficar fora. E eu vim nessa perspectiva de substituir esse professor e depois retornar, mas eu estava sem bolsa, a bolsa terminando, estava sem trabalho, porque quando eu entrei no mestrado, eu já estava trabalhando na UNICAMP desde 1971, e quando eu entrei lá, fiz a graduação trabalhando, fui o único aluno negro durante os quatro anos da graduação lá na UNICAMP. Passei quatro anos lá, e terminei em 1978. Em 1979 eu comecei no mestrado, porque o último trabalho que eu fiz foi sobre o Black Soul, não era um trabalho de pesquisa ainda, mas era uma análise sobre aquilo. Eu apresentei e transformei no projeto de pesquisa para o movimento Black Soul, e ia estudar depois. Só que quando eu comecei, eu fui aprovado aqui, e nessa categoria que a gente estava, que chamava colaborador, não era nem substituto do tempo, não tinha direito a afastamento para fazer pós-graduação. A gente dava quatro turmas de aula por semestre, dava aula nas férias, era uma loucura. Tinha um grupo grande de professores nessa condição, nas universidades federais do Nordeste, principalmente, e no meu contrato, o professor saiu para a pós-graduação. Quando ele voltou para a UFMA, ele ficou na administração, não assumiu sala de aula, então ficavam sempre renovando o meu contrato, ocupando aquela vaga por reivindicação dos colegas do departamento de Sociologia e Antropologia, além de dar aula para vários cursos da UFMA. Ainda é assim, mas antes era mais até, dava aula para todos os cursos. Então, precisava ter um quadro grande de professores, para Sociologia, Ciência Política, Antropologia, e também tinha os cursos de Estudos de Problemas Brasileiros, que era uma oposição da ditadura. Isso era localizado também no nosso departamento. Então o contrato ficava sendo prorrogado, mas eu não poderia, não tinha como voltar para fazer, para concluir a pesquisa lá, tinha eu e mais uns dois ou três colegas que estavam na mesma situação. O coordenador do programa, na época era o Carlos Brandão, nos chamou para saber se a gente queria seguir carreira acadêmica, e se quisesse, teria que ficar fazendo a matrícula anualmente, e trancava, para não perder a vaga, e para não perder a vaga de ninguém também. "E aí, quando vocês estiverem estabilizados em um local de trabalho, vocês reabrem a matrícula e tem um ano para escrever a tese e defender." E foi assim que eu fiz. Nessa mobilização que a gente teve, já foi em 1986, aí que eu fui efetivado profissionalmente. Só que tinha passado muito tempo fora de lá (Campinas), muita coisa tinha se modificado. Eu já estava morando aqui, com a família. Mas eu começava a ouvir o reggae, desde que cheguei, eu achava interessante, como que esse ritmo cantado numa língua estrangeira, que a maioria das pessoas não entendem, como que as pessoas se identificam tanto, como mobiliza tanta gente. Então, eu comecei a ir para as festas, comecei com o Ademar Danilo, na época em que ele fazia comunicação. E, por intermédio do Ademar Danilo, eu fui apresentado a algumas pessoas do reggae. E eu queria fazer um estudo comparativo, para ver se o que estava acontecendo lá no

Black Soul era a mesma coisa que estava acontecendo aqui (São Luís), que a minha intenção era essa. Fui percebendo que não era a mesma coisa, porque o reggae era um movimento para se dançar, não tinham as mesmas informações políticas que tinham do Black Soul. A maioria das pessoas não tinha relação com o movimento social, tanto os DJs como os frequentadores. Embora o Centro de Cultura Negra sempre teve uma presença muito intensa nas festas do reggae, as tentativas que nós tínhamos de discutir questões políticas nunca deram resultado, porque os radioleiros diziam que "o regueiro quer dançar, não quer conversa". Talvez, se tivesse havido mais conversa, o movimento reggae no Maranhão teria uma outra relação mais politizada, que seria importante, porque o reggae acontece como um movimento. Isso vem da aglutinação da juventude negra da periferia, são os que apresentavam as festas, os empregados domésticos, lavador de carro, essa população, os subempregados que deram sustentação a esse movimento por mais de 50 anos, mas que não tem um retorno sociopolítico em termos de infraestrutura, em termos de condições de vida, porque as pessoas que promoveram não estimularam esse tipo de discussão. Talvez também por falta de informação. Mas é um movimento importante que mobilizou, que possibilitou sim, pela própria repressão que se impôs ao reggae, como na história do Brasil, onde as várias manifestações de pretos sempre foram perseguidas, investigadas e denunciadas. E talvez essa ação, essa ação repressiva da imprensa, da polícia, despertou nas pessoas uma consciência de ser regueiro, de uma forma positivada. Então, o reggae ganha uma projeção de resistência, porque quando começa tem muita acusação de coisas de cena de violência, de marginalidade, de invasão policial, mas com o tempo, o reggae começa a chegar nas mídias, principalmente com a rádio FM, que, para além das radiolas que mobilizaram as periferias, a rádio FM levava o reggae para outros ouvidos que, talvez, não gostassem, mas que, de alguma maneira, estimula também uma presença nos salões. Começa a se acionar com propaganda das empresas, propaganda política, até chegar à incorporação, não sei se "incorporação", mas a ser acionado também pelo Estado, pelo município, com a Comissão Integrada do Reggae e Turismo, que é uma comissão formada dentro do município, da Secretaria de Cultura do município, mas também com a presença do DJ, de cantores, de trancistas, de pessoas que formam o que se chama da cadeia produtiva do reggae e se chega à construção do Museu do Reggae. Então, por parte do Estado também há uma percepção, claro, que a ação do Estado tem essa coisa de cooptação política para benefícios próprios, para ganhos políticos, mas tem essa importância para quem está fazendo também, de ter o reconhecimento que é uma maneira de analisar. Então, isso possibilitou uma visibilidade maior nessa projeção do reggae nesses anos todos em São Luís. Possibilitou São Luís ser reconhecida e, agora, oficialmente, como capital brasileira do reggae, foi o decreto apresentado pelo Bira do Pindaré, aprovado na Câmara, no Senado. Também há a dança, o tal agarradinho ser reconhecido como patrimônio cultural de São Luís. Então, tem essa projeção importante, sim, do reggae, que no começo era, quando eu comecei a fazer a pesquisa, ouvia muita coisa que "o reggae é uma invasão da cultura do Maranhão, que vai destruir a identidade cultural," sempre nessa contraposição do reggae com as expressões da cultura chamada tradicional, regionalizada do Maranhão. Principalmente por parte de alguns estudiosos, culturalistas, coordenadores de grupos culturais, que se sentiam ameaçados com a presença do reggae. Então, o reggae passa desse veículo externo, que chega de fora como invasor para um elemento componente da cultura do Maranhão de uma forma muito intensa. Não tem mais como, porque é a população que define, na verdade. O reggae não chegou pelas grandes mídias. Foi chegando meio que esporadicamente e sendo absorvido por uma parte

muito significativa da população. E aí começa a se chamar São Luís de Jamaica brasileira. Isso causa também um incômodo muito grande para alguns setores. As pessoas reagem de uma maneira muito hostil a essa concepção, porque a ideia de Jamaica brasileira se contrapõe à ideia de Atenas brasileira. São Luís sempre foi conhecida como um lugar que remete à Europa, que remete ao chamado berço da civilização grega, por causa dos poetas, escritores, etc. Jamaica brasileira te remete à África, numa condição de pobreza, de inferiorização. Então, isso causa um incômodo muito grande para os maranhenses que querem ver essa coisa distante, mas muitas pessoas começam a vir a São Luís também por conta do reggae. E talvez em busca de um reggae que não exista aqui, porque as pessoas querem ver uma banda de reggae em cada esquina. Isso não aconteceu, porque o reggae é o reggae da radiola, é o disco, é o vinil, é o reggae jamaicano dos anos 1970, que já nem na Jamaica se encontra mais. Então, São Luís constitui como um dos maiores acervos do reggae roots, o reggae dos anos 1970 com os compositores. Tem muito material que a gente ainda desconhece. Então, nessa perspectiva, é possível pensar o reggae como um movimento político, de identidade, de identificação, de resistência negra em São Luís, mas ele não se constitui de uma forma política no sentido da denúncia do racismo, da violência, etc. Talvez, porque quem tem o microfone não faça esse trabalho, não se veja nesse papel, com raríssimas exceções. Você pode pensar em Ademar Danilo, Falci, Jorge Black, alguns desses. Mas a maioria dos DJs querem o reggae como um espaço mais mercadológico do que político.

Samara Nascimento: E quanto ao Centro de Cultura Negra (CCN), o senhor faz parte?

Carlos Benedito: Eu comecei a fazer parte desde que cheguei aqui. Em 1980, antes de vir para cá, eu não pensava em vir para São Luís. Eu fui a Palmares, foi um grande movimento, por que Décio Freitas, que era um historiador gaúcho, fez uma pesquisa exaustiva sobre Palmares. Ele publicou "Palmares à Guerra dos Escravos", uma pesquisa muito importante. E aí começou uma discussão. Na época tinha uma organização, Fundação Nacional Pró-Memória, que tratava dessas coisas, patrimônio cultural brasileiro, tombamentos, etc. E quem coordenava era um antropólogo, Olímpio Serra. E começou uma discussão da criação de um parque folclórico, um parque cultural, alguma coisa assim, onde foi colocado o nome de Palmares. E aí o Olímpio Serra, entre outros intelectuais que estavam lá, diziam "quem tem que definir o que vai acontecer em Palmares é o Movimento Negro". Ele chamou representações de várias organizações para um seminário lá em Palmares, em Maceió. Para discutir sobre essas questões com o governo, com as Forças Armadas, foi um seminário imenso. Uma grande participação da militância negra, tanto da militância política como da intelectualidade negra. A Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento, Clóvis Moura, os que eu me lembro que estavam lá, e alguns outros. E dali a gente teve o seminário, depois nós fomos para o Quilombo de Palmares, que fica no município de União dos Palmares, a 80 quilômetros de Maceió. Nesse seminário eu reencontrei algumas dessas pessoas, conheci outras, mas a maioria delas eu não conhecia, a não ser dos nomes, das leituras, né? Maria de Lurdes Siqueira, que agora mora aqui também em São Luís. E eu conheci entre essas outras pessoas, eu conheci a Mundinha Araújo, que tinha sido a fundadora do Centro de Cultura Negra em 1979. E aí ela falando das coisas do Maranhão, e eu estava na militância do Movimento Negro Unificado, nessa época que eu era coordenador de um desses núcleos do Movimento Unificado em Campinas. E falando do Maranhão, então colava ao Centro de Cultura Negra, porque eles já

tinham tido uma ação contra um proprietário rural que queria expulsar comunidades, não me lembro onde era, mas foi uma das primeiras ações do Centro de Cultura Negra. Então o Centro de Cultura Negra nasce com a luta quilombola, em defesa da terra e da educação, são os dois grandes eixos do Centro de Cultura Negra. Então quando eu cheguei aqui, eu conheci a Mundinha, tinha lido alguma coisa sobre isso, tinha um amigo que estava no Pará, que me mandou uma informação sobre o CCN. E quando eu cheguei, eu logo participei das reuniões, comecei a participar, então isso foi em 1979, praticamente desde o começo. E a partir do Centro de Cultura Negra, eu comecei a compreender a questão rural do movimento negro, especialmente as lutas quilombolas, que é ainda a bandeira de luta do Centro de Cultura Negra. Comecei a conhecer, ir para as comunidades quilombolas, conhecer um pouco mais dessa realidade. No período do 13 de maio, a gente fazia a Semana do Negro, que era uma forma de ir para as escolas e escutar sobre as questões raciais. Estudava, tinha reuniões toda semana, estudando, lendo, até fazer palestra nas escolas. Então a minha atuação no Centro de Cultura Negra foi muito nesse processo de uma formação para poder aprender muito, para poder falar com os professores, a gente reunia professores, estudantes das escolas para falar sobre a questão racial. A gente era um grupo grande, umas 30 ou 40 pessoas, a gente se dividia em grupos de 3 ou 4 que ia para cada escola, em algumas áreas. E muita gente começou a participar do Centro de Cultura Negra a partir dessas palestras, e também compreender melhor a questão racial aqui no Maranhão, a princípio aqui em São Luís, não era muito discutido nessa época. E aí foram surgindo grupos no interior do Estado, Cururupu, Pedreiras, Bacabal e outras regiões do Estado. Começaram a criar organizações também do Movimento Negro, e o diálogo também que a gente tinha com a Prefeitura, com o Estado do Maranhão, até por conta da questão das lutas quilombolas, se diferenciando de outras organizações que já estavam no Brasil, que eram mais urbanas. E, além dessa atuação política que se somava e que me ajudava também no processo de formação intelectual, eu voltei para São Paulo para defender a dissertação de mestrado. Fiz a pesquisa aqui em 1992, depois que eu reabri a matrícula para escrever a tese e defender. Nesse processo de formação intelectual, de militância, eu, enfim, como diz a Nilma Gomes, "eu me eduquei no Movimento Negro" essas questões de me entender também nessa relação. Pelo lado cultural, no Centro de Cultura Negra, a gente estava junto o ano todo discutindo essas questões, tinha reuniões diretas, às vezes cansativas, mas sempre era importante. Às vezes vinha alguma pessoa de fora fazer palestra que a gente ia receber, ia participar, promover almoço, enfim, sempre teve essa relação. Chegava no Carnaval, as pessoas se dispersavam pelas escolas de samba. Tinha as escolas de samba, Turma do Quinto, Flor do Samba, Favela do Samba, não era tão conhecida ainda, tão famosa, do bairro de Fátima. Tinha várias escolas de samba, então as pessoas iam para as suas escolas de preferência. E a gente só ia se encontrar depois do Carnaval. E aí, em um determinado momento, a Mundinha sugeriu que a gente ficasse junto no Carnaval. Mas antes, o que motivou? Teve um ano no Carnaval que a escola de samba Turma do Quinto fez um enredo sobre o Terecô de Codó. Não era bem esse o nome, mas era sobre, na verdade era sobre João do Vale, a trajetória de João do Vale. "Teresina, São Luís, uma coisa assim". "Peguei o trem em Teresina pra São Luís do Maranhão". Esse era o mote para o enredo da Turma do Quinto desse ano. E a gente fez uma ala do Centro Cultura Negra que era para representar o Terecô de Codó e foi legal porque todo mundo foi para essa ala. Era muita gente. A gente ficava tudo bonito. O Carnaval ainda era na Praça Deodoro nessa época. E dali surgiu a ideia de "por que a gente não continua junto no Carnaval?". Vamos fazer um grupo. Aí vem a

inspiração do Ilê Aiyê, que foi criado em Salvador em 1984. Então, a inspiração era o Ilê Aiyê, sair em um bloco de negros. E aqui as pessoas têm relação com os terreiros do Tambor de Mina, eram umas trinta pessoas que eram da Capoeira, que eram do Tambor de Mina, com mais de três atabaques e saímos pela rua. Em 1984, aí quando chegou na Praça Deodoro criou um espanto. No dia seguinte as pessoas escreveram "o que esses pretos estão querendo, que não tem racismo, essa coisa é da Bahia quer trazer essas coisas para cá". Enfim, chamou atenção e muitas outras pessoas foram chegando. Então a gente criou o bloco e a princípio era um grupo, não tinha nome, mas foi se consolidando. E aí tinha um professor que era professor do Ensino Básico, que estava fazendo um curso com um africano que passou por aqui, ele era do Benin, ele começou a sugerir várias palavras e surgiu essa ideia da palavra Akomabu. "Sim, mas o que significa?" Foram procurar esse professor e perguntaram o significado e significa "a cultura não deve morrer." Então é esse. Esse é o nome. A cultura não deve morrer. Aí a gente saiu às ruas. Enrolava lençol no corpo, roupas coloridas e saia na rua, mas isso gerava um incômodo muito grande para as outras pessoas. Em 1988, era o centenário da abolição, e faziam inscrições para sair no bloco. Não era assim aleatório. A gente tinha umas três mil pessoas. Eu me emociono muito com a história da militância, porque eu não consigo me ver fora desse processo, como intelectual, doutor Carlos Benedito, Carlão Rastafari, sou eu mesmo, eu não consigo ser diferente disso e pra mim isso é muito intenso e muito importante também. Em 1988 nós fizemos um documento pedindo para fazermos a abertura oficial do carnaval em referência ao ano centenário da abolição. A princípio, eles aceitaram, a Comissão do Carnaval concordou, e depois veio haver discordância, e "não, não pode, né?" Chegou o documento assassinado, o pessoal rejeitou, "então o que é o que a gente faz, a gente vai ou não vai passar na avenida?" e "dissemos: vamos!". Aí organizamos um grupo da Administração do CCN e definimos como era estratégia que a gente ia fazer. O bloco Akomabu sai a cada ano de uma casa religiosa, ou da casa das Minas, ou da casa de Nagô, porque desde quando foi criado, teve essa relação com os terreiros, com o apadrinhamento, por conta de um grupo da Babalaôs, foi esse que foi Jorge de Itaci que batizou o bloco na primeira vez. Então a gente sempre saía de uma casa religiosa. A gente saía da casa das Minas, descia ali na Cajazeiras, entrava na rua do Passeio e subia. O Carnaval era todo concentrado ali e o palanque era armado na Praça Deodoro. Nós entramos pela rua do São Pantaleão, fomos descendo e aí paramos lá. E aí, "vamos entrar, vamos entrar, não tem como segurar." Nesse ano, o Akomabu tinha cinco mil e cem pessoas. A gente foi conversar com o pessoal da segurança e a polícia, porque assim, a estrutura do Akomabu era muito bem organizada, tinha um grupo chamado 'Segurança', que eram os capoeiristas, que faziam segurança para o pessoal não entrar pelo meio, tinha muitas crianças, porque eram famílias que começaram, depois que o bloco cresceu, as pessoas vinham com as famílias e tinha que ter proteção e a preocupação era "se a polícia tivesse algum tipo de agressão, como é que a gente vai fazer?" Então, a gente articulou um grupo chamado Segurança, que eram os capoeiristas. "Se tiver qualquer problema, vocês protejam as crianças, tirem as crianças." Aí demorou muito tempo, mais de quarenta minutos para passar, e dançar, e jogar capoeira, aquela coisa toda. Então foi um período que chamou muita atenção, e consolidou o Bloco Afro Akomabu como a expressão mais forte como um instrumento cultural com o Centro de Cultura Negra. A partir daí, a gente começa a fazer músicas, falando da história do negro do Maranhão, falando do Tambor de Mina, falando das comunidades quilombolas, falando da religiosidade. A cada ano a gente escolhe um tema, trabalha e estuda para poder fazer as músicas. Então, tem essa posição. Depois, claro, também houve a dispersão

de algumas pessoas que saíram do Akomabu, foram criando outros blocos, hoje acho que tem uns dez ou doze blocos afro em São Luís, mas todos nasceram no Centro de Cultura Negra. Então, você sempre tem essa importância, tanto no debate sobre a questão racial, da formação de professores e professoras discutindo nas escolas da questão racial, como também na formação dos militantes, da conscientização política dos militantes. E quem saiu dali criou outros grupos, isso tem uma importância e vai se proliferando. A ideia não era concentrar em uma única organização. Então, a minha atuação é nesse trânsito. A partir da minha formação acadêmica, me possibilitou um trânsito maior, algo que eu realmente nunca esperava. Eu queria ser professor. Eu não queria trabalhar mais como operário, trabalhei muitos anos, não queria fazer esse trabalho pesado, eu queria ter uma qualificação intelectual. Depois que eu terminei no mestrado, fui para o doutorado em 1997 em São Paulo, porque quando eu estava pesquisando o reggae no mestrado, que foi a minha dissertação, eu deixei de lado o Black Soul, porque eu não tinha como voltar para lá e tinha muita crítica sobre o que era o reggae. O que eu falei da invasão cultural, da destruição da identidade, algumas pessoas me responsabilizando por projetar o reggae em Maranhão. Quem me dera ter esse poder. Então, no doutorado, eu fui ouvir o que as pessoas que fazem a cultura tradicional pensam sobre o reggae. Comecei a entrevistar os mestres e aí, fui defender a tese em 2001. Eu fiz a minha tese de doutorado, voltei para cá, assumi a coordenação do NABE (Núcleo de Estudos Afro-brasileiros), que até então quem coordenava era o professor Ferretti. Eu assumi a coordenação e estou até agora na coordenação. Então, a minha trajetória é nesse território negro, que eu chamo de uma trajetória afro-centrada. Porque eu sempre trabalhei com a questão racial, essa foi a minha relação. Tive a possibilidade de participar de eventos em outros estados, de conhecer muitas regiões do país. Em 2006, na primeira gestão do governo Lula, foi criada a Secretaria de Educação Continuada no SECAD e os NEAB foram chamados a participar, dar curso de formação para professores com a lei de 10.639 (2003). Então viajando o Brasil quase todo, fazendo isso, dando cursos. Por isso que eu falo assim, teve uma importância da intelectualidade negra se qualificando a nível da pós-graduação a partir dos anos 80. Porque em 1983, foi criado o NEAB na Federal, na Universidade Federal de Alagoas, na UFAL, o primeiro NEAB, depois foi criado outro NEAB na Universidade Federal do Espírito Santo. Esse aqui (UFMA) foi criado em 1985, nós sediamos um congresso proposto pela Unesco sobre religiosidade, vivências religiosas africanas do Caribe e América Latina. Foi um evento muito grande com vários países, para participar. E com intermédio do professor Ferretti, a gente acabou aglutinando pessoas que já estudavam a questão racial na UFMA, mas que estavam bem dispersos. Então, em 2000, teve o primeiro Congresso Nacional de Pesquisadores Negros na Universidade Federal de Pernambuco. Nesse congresso, nós criamos a Associação Brasileira de Pesquisadores Negros, a ABPN, em 2000. Em 2004, nós organizamos aqui o terceiro congresso brasileiro de pesquisadores negros. Nós sediamos aqui na UFMA, e dessa reunião começou a discussão sobre os NEABs. E aí nós criamos o que se chama o Consórcio Nacional de NEABs. O que aconteceu é que desse trabalho da SECAD, foi criada uma comissão assessora do Ministério da Educação para assuntos afro-brasileiros e dessa comissão, nós fizemos várias proposições sobre educação quilombola, sobre a implantação da lei de 10.639, e também o fortalecimento dos NEABs. Então, os NEABs se fortaleceram e se expandiram. Com a criação dos Institutos Federais, também foram criados os NEABI (núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas) nesses núcleos chamados NEABI, e grupos correlatos nos institutos federais, alguns são afro-brasileiros, alguns são afro-indígenas, afro-amazonas.

Enfim, tem várias denominações com essa mesma característica, partindo da implantação da lei de 10.639, assim como a lei de cotas. Com toda essa discussão das ações afirmativas que começa, na verdade, nos anos 1990, se criou, além da ABPN, dentro da ABPN, o Consórcio Nacional de NEABs. Atualmente são duzentos e cinquenta NEABs que fazem parte do consórcio. Então, os NEABs estão espalhados, mas a gente tem essa interlocução. Enfim, então, eu saio dessa condição de trabalhador braçal, para atingir esse nível, para chegar ao doutorado, e possibilitar conhecer alguns países africanos, possibilitar o trânsito com intelectuais de outras regiões, em lugares específicos, mas, principalmente, na África. Eu estive cinco vezes no continente africano. Então, isso é muito importante para a minha formação. Acabei de chegar de Moçambique, passei 12 dias lá, foi bem interessante. Enfim, me tornar um professor titular da UFMA, tem algumas coisas que são importantes e não eram o que eu esperava. Ter um título de cidadão maranhense que é muito importante.

Laryssa Costa: O senhor veio para São Luís por acaso ou só para concorrer ao processo seletivo para professor?

Carlos Benedito: Não foi tão por acaso, mas eu digo assim que os voduns me trouxeram, porque eu sempre gostei da cultura do Nordeste, sempre gostei muito do jeito, das palavras, das comidas, da música, sempre gostei muito. Mas, assim, no Sudeste, pensando em São Paulo, Rio de Janeiro, principalmente, a concepção do povo nordestino, isso foi muito pejorativo, as pessoas são muito preconceituosas. Então, a gente diz assim, "mas o Nordeste é terra de jagunços, é terra de gente brava". Na universidade, como eu estudava e trabalhava, não tinha férias, tinha que ir por horas de estudo. A UNICAMP era uma universidade que tinha uma elite carioca, paulistana, mineira, jovens de famílias abastadas mesmo. Tinha mesada todo mês, para viajar. Então, nas férias, alguns viajavam para a Europa, outros viajavam para o Nordeste, e voltavam, falavam as suas histórias e eu me encantava muito com as histórias do Nordeste. Porque tem várias comidas, várias culturas, então, eu queria ir para o Nordeste, mas o Nordeste era Pernambuco, Bahia, Ceará, Paraíba, no máximo, o Maranhão era muito distante. Quando eu estudava, eu lembro em Geografia, que Maranhão e Piauí era meio Norte, não era nem Nordeste, nem Norte. Então, quando alguém fazia uma saída para a pós-graduação, tinha a Universidade que abria vaga. Então, os professores daqui, José Carlos, foi fazer um mestrado na UNICAMP e avisou que tinha vaga aqui e tinha colegas que haviam estudado comigo que vieram para cá, para ocupar essas vagas. E me avisaram, aí eu falei "vocês foram para o Maranhão, sabiam que eu tinha interesse no Nordeste, ninguém me falou que ia ter concurso." Eu estava terminando a bolsa do mestrado, estava desempregado, tive que fazer uma escolha entre a bolsa ou o emprego. Então, aí passou o tempo e alguém me avisou, uma dessas colegas que estavam trabalhando aqui, eram três amigas que estudaram comigo, duas delas que são professoras da Unicamp ainda, uma outra estava na Itália, e falou "se você quer vir para o Maranhão, vai ter o concurso" e eu falei "eu quero, sim. Só que daqui quinze dias, tudo bem". Eu estava casado, meu filho tinha um ano e meio. A minha companheira trabalhava, era psicóloga, mas ela trabalhava no BRADESCO, era bancária. Aí eu falei, "eu vou", e era para ficar oito meses. Aí eu vim. Junto com isso, em 1978 eu nem sonhava com o Maranhão, na verdade. Estava fazendo o mestrado tinha um professor de sociologia, sabendo da minha militância no movimento negro. Ele falou "eu li um romance, que acho que você vai gostar" e me deu de presente o livro Os tambores de São Luís de Josué

Montello, que é uma obra fabulosa, uma das coisas mais belas que eu li. Quando eu terminei de ler, eu falei, "eu quero conhecer esse lugar, é ficcional, claro, mas mistura a ficção com a realidade. É um trabalho muito bonito." Aí comecei a recomendar o livro para todo mundo. Dei vários exemplares de presente para as pessoas. Eu vi, cheguei aqui no começo de fevereiro, carnaval era no final do mês, fiz a prova, esperei para sair o resultado. Demorava dois dias pra sair o resultado, então era melhor ficar esperando porque se não iria gastar muita grana. Acabou, fiz a prova, fiquei esperando o resultado e fui aprovado. Depois disso, fiquei aqui uma semana, me levaram para conhecer a cidade, algumas pessoas e minhas amigas já tinham ficado aqui também, então me apresentaram a cidade, vim para Deodoro, era uma loucura, tinha ritmos, danças, cores. Não imaginava que nunca tinha visto nada assim e eram as coisas que tinha lido, os blocos tradicionais, o tambor de crioula, a cidade estava efervescente. Mas aí saiu o resultado, tinha que voltar para fazer minhas mudanças, para trazer meu filho e a esposa. Então, voltei e não passei o Carnaval, voltei em 8 de março porque tinha que assumir o trabalho no início de março. Mas foi essa coisa de ver ter lido o livro, ter chegado e ter o impacto daquela explosão de cultura que eu nunca tinha visto e falei, "é aqui que é o meu lugar" e aí fui ficando. Fiquei buscando conhecer o Tambor de Mina, conhecer os terreiros. Fiquei um tempo em Imperatriz, dando aula lá. Foi essa coisa, sim, de me envolver e ter um acolhimento afetivo das pessoas do lugar e me envolver com as culturas do lugar e aprender que aquelas coisas que eu ouvia da minha família, "que o Nordeste era perigoso, terra de jagunços, coisas do tipo" e aquelas coisas que eu ouvia dos meus amigos, "as pessoas são maravilhosas, as comidas são boas", são interpretações que você só vai decifrar estando no lugar. Se você for para fazer turismo, as pessoas vão te mostrar as melhores coisas. Se você vai para viver, você vai ter que decifrar os povos. Então, para mim, foi esse aprendizado. E esse aprendizado é contínuo. Hoje, muito menos, mas eu sempre me envolvi muito com as coisas da cultura local. Até quando eu fiz minha defesa, o meu memorial, eu demorei muito para fazer, porque eu não tenho publicações, eu não tenho tantos projetos assim. Mas aí, os avaliadores disseram "você tem um envolvimento muito grande com a cultura no Estado, e poucas pessoas têm isso". Eu me envolvi muito com as coisas daqui e pensar com o povo é fantástico, e ter possibilitado também, o trânsito com intelectuais negros que estão em outras regiões do país. Eu também criei laços, diálogos e amizades, uma positividade nessa relação. Eu falava, "eu quero ser uma referência positiva, ao menos para os meus filhos, para que não desandem, porque é muito fácil, quando um homem negro desanda do caminho", mas também ser uma referência positiva para outras pessoas. Isso foi bem legal. Eu estava, um dia, em duas situações. Eu estava com uns amigos em um almoço que nós fizemos e apareceram lá uns estudantes, que falaram assim: "o professor Carlão está na sua casa. Será que a gente pode falar com ele?" Eles pareciam me tratar como se eu fosse uma grande pessoa. Eu fiquei muito feliz com essa coisa. Era um grupo de jovens estudantes. Agora, já se formaram. Foi bem legal. Aí, eu fui a Moçambique, eu estava em palestra e tinha alguns estudantes e fecharam pra tirar foto. Essa coisa é grandiosa. Conseguir fazer alguma coisa boa.

Samara Nascimento e Laryssa Costa: Com certeza sua contribuição é enriquecedora para São Luís e o estado do Maranhão. Ouvir você foi uma aula incrível. Nós agradecemos e encerramos aqui.

Agradecimentos:

Ao professor Carlos Benedito da Silva Rodrigues, pela generosidade em formar gerações de educadores, comprometidos com a construção de uma educação antirracista, além de sua dedicação à cultura de São Luís. Agradecemos pela oportunidade de ouvir, aprender e ampliar nossos horizontes a partir de seus ensinamentos.

Referências

GONZALEZ, Lélia**. Por um feminismo afro-latino-americano:** ensaios, intervenções e diálogos**.** Organização: Flávia Rios, Márcia Lima - 1° ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

DOMINGUES, Petrônio. **Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos**. Revista Tempo, Rio de Janeiro, v.12, n. 23, 2007.